

**a pedra
da loucura**

**benjamín
labatut**

...





Benjamín Labatut

A pedra da loucura

tradução
Mariana Sanchez

todavia

A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo não pode nascer: nesse interregno surgem os sintomas mórbidos mais variados.

Antonio Gramsci

Sumário

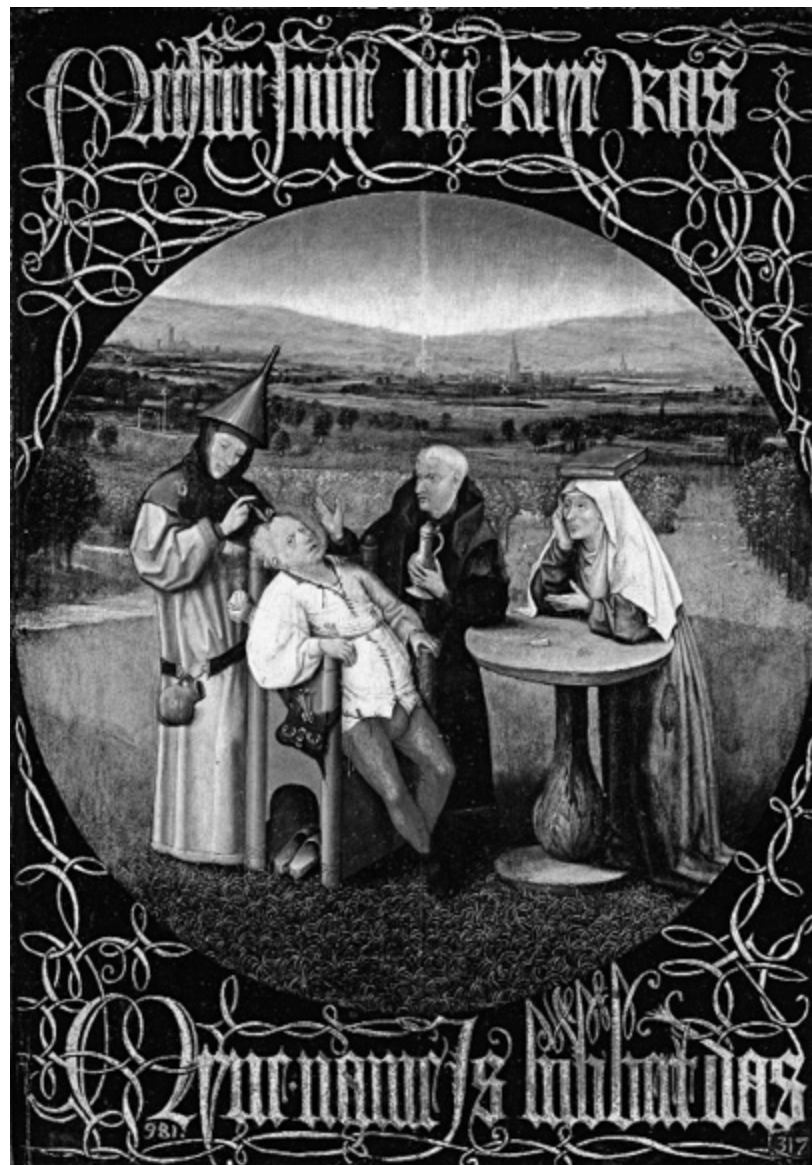
Capa

Folha de Rosto

A extração da pedra da loucura

A cura da loucura

Créditos



A extração da pedra da loucura

Durante o verão de 1926, o escritor Howard Phillips Lovecraft percebeu a sombra de um novo tipo de horror.

Embora mal conseguisse encontrar as palavras para descrevê-lo, pôde cristalizar algumas de suas visões no conto “O chamado de Cthulhu”, uma história que alerta nossa espécie para o retorno de um antigo terror e para o perigo de transpor nossos limites, ao nos mostrar o que pode estar ali, dormindo, nos esperando. “A coisa mais misericordiosa do mundo, acredito eu, é a incapacidade da mente humana de relacionar todos os seus conteúdos”, escreveu Lovecraft. “Vivemos numa plácida ilha de ignorância em meio a mares negros de imensidão, e não estamos destinados a viajar muito longe. As ciências, cada uma avançando em sua própria direção, pouco nos prejudicaram até o momento; mas algum dia a soma de todo esse saber dissociado abrirá uma perspectiva tão aterrorizante da realidade e do lugar assombroso que ocupamos nela que ficaremos loucos por conta dessa revelação ou fugiremos da luz para a paz e a segurança de uma nova era das trevas.” No conto, um homem segue os passos de uma seita que tenta despertar um deus antediluviano mergulhado em um sonho eterno. Durante a busca, o protagonista se depara com reportagens e notícias sobre estranhos surtos de histeria coletiva, pânico, loucura generalizada e arroubos de mania, todos relacionados a três pequenas estátuas de um ídolo cuja forma, completamente antinatural, parecia ser dotada de uma malignidade intrínseca. Uma dessas efígies foi modelada em argila por um escultor de Rhode Island que viu a silhueta do ídolo durante um pesadelo particularmente vívido; outra foi confiscada por um policial que participou de uma batida durante a celebração de um ritual vodu nos pântanos de New Orleans; enquanto a terceira caiu nas mãos de um marinheiro norueguês,

que a encontrou nas falésias de uma ilha ciclópica avistada subitamente em meio às ondas do Pacífico Sul, uma terra maldita cujas paisagens colossais violentavam as leis da perspectiva, criando um entorno tão anômalo que um dos companheiros de barco do norueguês perdeu a cabeça após contemplar algo terrível demais para ser compreendido: um ser descomunal e incrustado de tantas camadas de tempo que fazia não só a humanidade, mas o mundo inteiro parecer jovem e fugaz em comparação a ele.

“O chamado de Cthulhu” foi inspirado em um sonho do próprio Lovecraft. Ele o descreveu em uma carta enviada a seu amigo Reinhardt Kleiner: durante seu devaneio, Lovecraft tentava vender um baixo-relevo pavoroso que havia esculpido com as próprias mãos para um museu de antiguidades de Providence, sua cidade natal. Quando o velho curador do estabelecimento zombou do escritor por tentar fazer uma obra de arte recém-produzida passar por uma antiguidade verdadeira, Lovecraft lhe respondeu: “Por que está dizendo que este objeto é novo? Os sonhos do homem são mais antigos que o Egito, mais arcaicos que o mistério da Esfinge ou que os jardins da eterna Babilônia. E isso foi criado nos meus sonhos”.

Dois anos após a publicação do conto de Lovecraft, David Hilbert, sumo sacerdote da matemática do século xx, finalmente se aposentou.

Foi o matemático mais importante de seu tempo e exerceu uma influência gigantesca na Universidade de Göttingen, a instituição matemática mais ilustre do mundo durante as primeiras décadas do século passado. Hilbert criou um programa assustadoramente ambicioso para determinar se toda a riqueza da matemática poderia ser construída sobre um punhado de axiomas lógicos inquestionáveis. Foi uma tentativa desesperada de resgatar sua amada disciplina da crise mortal em que havia caído, causada por novas ideias que haviam ampliado o universo matemático de forma descomunal, revelando paradoxos insolúveis e contradições lógicas que ameaçavam pôr abaixo toda a sua fundamentação teórica. O programa de Hilbert buscou desenterrar os últimos alicerces da matemática.

Historicamente, coincidiu com o abrupto surgimento de ideologias fascistas

na Europa, e também foi — embora talvez apenas de forma inconsciente — uma tentativa de encontrar terra firme e conter o avanço de uma estranha desrazão que parecia estar estendendo suas garras não apenas no cenário político, mas sob a pele da ciência humana mais racional de todas, como se brotasse da ferida aberta por pioneiros como George Cantor, que transformara radicalmente a matemática ao expandir nossa noção do infinito. As extravagâncias do infinito e as delirantes formas do espaço não euclidiano foram apenas duas das forças que começaram a minar nossa firme confiança de que os fenômenos naturais poderiam ser capturados com uma arapuca feita de números, e a brutal complexidade do mundo poderia ser domada com priscas equações e teorias inequívocas. Hilbert e seus seguidores tiveram que lutar contra uma maré crescente à medida que descobriam reinos matemáticos quase impossíveis de entender. Múltiplas escolas, com pontos de vista muito distintos — como o “logicismo”, o “formalismo” e o “intuicionismo” —, tentaram confiscar o coração da matemática, fosse para incrustá-lo de volta numa ordem clássica ou para libertá-lo das amarras de um modo de pensar anacrônico e antiquado.

Depois de se aposentar, no outono de 1930, Hilbert deu uma aula magistral em Königsberg, cidade onde havia nascido pouco mais de setenta anos antes. Apresentou-se diante da Sociedade de Cientistas e Médicos Alemães e falou longamente sobre as ciências naturais, a importância da matemática na ciência e a preponderância da lógica na matemática. Afirmou, de maneira enfática, que nunca devemos aceitar o incognoscível, que para a ciência não existem problemas insolúveis, que não há nenhum limite ontológico para o conhecimento e que nada deveria ser considerado, a priori, além do nosso alcance. Cheio de orgulho germânico, Hilbert culminou seu sermão a ponto de explodir, proclamando em voz alta: “*Wir müssen wissen! Wir werden wissen!*”, “Precisamos saber! Nós saberemos!”.

Quase meio século depois, em 1977, o escritor de ficção científica Philip Kindred Dick deu uma palestra em Metz, uma cidade no noroeste da França.

Ainda é possível encontrar o vídeo na internet: a qualidade do áudio é péssima, e é preciso se esforçar para entender o que ele diz, embora, na verdade, o que ele diz quase não faça sentido. O texto lido por ele chama “Se você acha este mundo ruim, deveria ver alguns dos outros”, e seus desvarios nos dão um presságio atroz do estranho futuro que, lá pelos anos 1970, parecia estar galopando em nossa direção, um futuro que hoje habitamos de forma plena. Dick fala da tensão entre alucinação e realidade que caracteriza toda sua obra; considera a possibilidade de existirem linhas de tempo ortogonais, mundos paralelos que cruzam o fluxo linear dos eventos em noventa graus e depois se separam e se ramificam até o infinito; medita sobre o eternalismo e o conceito de “bloco de tempo” proposto por Einstein, em que todos os instantes são atuais e não há um passado no qual se apoiar nem um futuro a conquistar, apenas um presente sem fim, estendido à imensidade; fala de uma deidade imanente, com “mil corpos de Deus pendurados como se fossem roupas em um closet gigantesco”, e nos pede para considerar, mesmo que por um instante, todo o cosmos como uma única entidade consciente. Quando parece que Dick não pode viajar mais longe na paisagem paranoica, ele postula uma ideia que hoje está prestes a se tornar senso comum, à medida que a realidade muda e assume formas que desafiam nossa credulidade: a saber, que nosso mundo, essa sólida massa de rocha que habitamos, não é verdadeiramente real, e que deveríamos pensar nele como um simulacro, ou uma simulação.

O que assusta nesse discurso de Dick não é a ideia em si; afinal, essa noção do mundo como simulacro tem sido popularizada por inúmeros filmes hollywoodianos, e muitos de nós desperdiçamos boa parte de nossos dias brincando em mundos sintéticos, tornando realidade nossas fantasias mais perversas. O que nos faz estremecer ao ouvir o melhor escritor de ficção científica do final do século xx sentado ali, no alto do púlpito do Festival Internacional de Ficção Científica de Metz, é que ele fala sério: Dick não está brincando (e lembra o público disso várias vezes, com uma expressão levemente malévola no rosto) quando diz que nosso mundo não é real. “O tema deste discurso é algo que foi descoberto recentemente, e pode ser que não exista em absoluto. Posso estar falando sobre algo que não

existe. Portanto, tenho total liberdade para dizer tudo e nada. [...] Em meus contos e romances, costumo escrever sobre mundos falsos. Mundos semirreais e outros mundos particulares, distorcidos e perturbados, habitados por uma só pessoa. Em nenhum momento tive uma explicação teórica ou consciente para meu fascínio por essa pluralidade de pseudomundos, mas agora acredito que tenha entendido. O que eu estava sentindo era a gama de realidades parcialmente materializadas que entrecruzam aquela que é, de forma evidente, a mais atual de todas: aquela com a qual a maioria de nós concorda, segundo *consensus gentium*.”

Dick havia se deparado com essas e outras ideias após viver uma experiência que alterou sua mente por completo: em 2 de março de 1974, ele abriu a porta de casa para receber uma encomenda, viu uma mulher usando um colar em forma de peixe e, naquele momento, um clarão de luz néon atravessou seu crânio e lhe disse que o Império Romano nunca havia acabado, que os soldados continuavam caçando os fiéis nas ruas da eterna Galileia, e que seu filho pequeno sofria de uma doença mortal não diagnosticada, o que depois foi confirmado por um médico. Esse golpe de luz desencadeou uma tempestade de informação que retumbou dentro do seu cérebro e o acompanhou até o dia de sua morte, inspirando seus livros mais radicais. Dick passou oito anos considerando a realidade de uma maneira que nenhuma pessoa sã poderia fazê-lo, tentando entender uma experiência que era claramente incompreensível, porque não se encaixava em nenhuma linha de pensamento moderno. No entanto, em seus sonhos loucos, em seu delírio maravilhoso, sentiu a ressaca e o estirão de correntes subterrâneas que começaram a esfacelar nosso mundo.

O horror atávico de Lovecraft — esse eco profundo que anuncia o retorno de crenças arcaicas e modos pré-modernos de sentir e pensar —, a lógica radical de Hilbert e as múltiplas realidades de Dick se fundiram para criar a imagem de um cosmos inaudito que não é regido por uma ordem, mas que se nutre do caos. Se fecharmos bem os olhos, quase podemos sentir os tentáculos dos demônios de Lovecraft serpenteando sob nossos pés, batendo o tamborim que atija a dança das teorias conspiratórias, alimentando o

medo de que, por trás das coisas, escondido no foro íntimo e secreto de homens e mulheres aparentemente normais, pulsem o mal e a mais profunda irracionalidade. Da tentativa de Hilbert de reduzir toda a matemática, e inclusive todas as ciências, à mera lógica, colhemos a maçã envenenada dos teoremas da incompletude de Kurt Gödel: eles provaram, para além de toda dúvida, que qualquer sistema formal, se for robusto o suficiente para expressar as operações da aritmética, será incompleto, pois conterá verdades que, sendo verdadeiras, não poderão ser provadas pelas regras desse mesmo sistema; Gödel também demonstrou que se um sistema for completo — se puder provar de fato todas as suas verdades — será inconsistente, pois estará repleto de contradições internas que lhe permitirão validar qualquer enunciado, assim como a sua negação. Uma verdade e seu oposto. Juntos, os dois teoremas de Gödel apontam diretamente para os limites da lógica, para além dos quais ainda não conseguimos enxergar. Enquanto Lovecraft e Hilbert prepararam, cada um à sua maneira, o cenário para o reino confuso em que vivemos, quem assumiu a dianteira foi a visão enlouquecida de Dick: seus sonhos paranoicos, suas alucinações metafísicas, suas iluminações induzidas pelas drogas e seus mundos delirantes que não param de se multiplicar, e que se aninham um dentro do outro, passaram a fazer parte da nossa experiência cotidiana, gostemos ou não. Mais do que em qualquer outro lugar, hoje vivemos no mundo de Dick, um pesadelo plural e insano onde nunca podemos acreditar plenamente naquilo que vemos, sentimos e ouvimos, ou mesmo no que pensamos. O real está fora do nosso alcance. Nossas vidas se tornaram tão estranhas e incertas quanto o reino quântico. O falso e o simulado parecem estar sufocando a verdade, enquanto os aspectos fictícios da existência assediam o santuário da razão.

Por que somos perseguidos pela sensação crescente de que nada tem sentido? Por que sentimos que o mundo vai acabar? Até pouco tempo atrás, a maioria de nós podia facilmente ignorar a loucura; homens e mulheres alienados, com suas visões distorcidas da realidade, tinham pouco a nos dizer. Mas as coisas mudaram. Certa demência se infiltrou no mundo, gota a gota, e está ganhando cada vez mais força. Já não podemos simplesmente

desdenhar a paranoia, nem podemos confiar, com absoluta certeza, que a ciência — ou mesmo nossos próprios sentidos — será capaz de nos mostrar o mundo como ele é. Devemos aprender a ver as coisas sob uma nova luz, porque a chama da razão já não é suficiente para iluminar o complexo labirinto que vai se formando devagar (embora alguns diriam que está sendo construído) à nossa volta.

Em 2020, publiquei o livro *Quando deixamos de entender o mundo*, no qual entrelaço alguns dos fios que formam a rede de associações, ideias e descobertas que deram origem à química, à física e à matemática modernas, porque essas disciplinas — junto com a súbita explosão das tecnologias de comunicação, da biologia e da computação — encontram-se na base da nossa atual visão de mundo. Embora essa perspectiva racional e douda ainda seja poderosa e imponente, ela está desmoronando. As bordas da realidade começaram a sangrar, e muitos de nós temos a suspeita — uma suspeita que confirmamos toda noite ao sonhar, ou toda vez que ligamos a televisão — de que essa pequena cidadela, o castelo de razão e ordem que construímos, está cercada por todos os lados, e que seus muros, por mais altos que os levantemos, podem ser facilmente derrubados, não apenas por aqueles que os assaltam de fora, mas também pelas forças que investem contra eles de dentro. Desde que meu livro apareceu, muitas vezes me fizeram a pergunta do título: “Quando deixamos de entender o mundo?”. Alguma vez compreendemos a realidade? Podemos sequer aspirar a isso, ou talvez seja algo completamente fora do nosso alcance, um sonho infantil, um resquício da era da razão que agora avança de maneira desenfreada para o seu fim? Essas perguntas, que se tornaram tão urgentes, foram, até bem pouco tempo atrás, se não impensáveis, facilmente ignoradas, porque o planeta inteiro parecia estar viajando sobre trilhos, hipnotizado por uma única maneira de fazer as coisas.

Senti isso com particular intensidade no Chile, país onde vivo: aqui, depois dos anos de pesadelo da ditadura de Pinochet, todos entramos na fila, baixamos a cabeça e seguimos as regras. Só havia um caminho por onde seguir, e quase ninguém se atreveu a questionar o que estava acontecendo enquanto uma forma de capitalismo neoliberal especialmente

perverso começava a se apropriar da nossa nova democracia, enredando cada fio do nosso tecido social em torno de suas garras. Quase todos ficamos calados, porque quase todos sentíamos medo. Medo da mudança, medo de retornar à barbárie, medo de que voltassem os homens armados no meio da noite, medo de que arrombassem nossas portas aos chutes e nos arrastassem às câmaras de tortura que os serviços secretos haviam deixado espalhadas por todo o país, dentro de casas que, se você olhasse de relance, juraria de pés juntos que eram lares comuns e corriqueiros, sem saber que em seu interior haviam ocorrido cenas infernais que nem mesmo Lovecraft poderia imaginar. Jovens e velhos, mulheres grávidas, meninos e meninas: a eletricidade correu através de todo mundo, enquanto cães e ratos eram treinados para fazer coisas indescritíveis. No entanto, os militares não voltaram. Pinochet finalmente morreu e entramos em um longo período de calma e normalidade. O país adormeceu e nossos sonhos revolucionários, a ideia de que podíamos construir um mundo melhor e mais justo, foram sepultados sob a ideologia do crescimento econômico. Mas os bebês acordam aos berros e, em outubro de 2019, uma gigantesca erupção de fúria social deixou o país de joelhos. Foi um cataclismo que nos atingiu com uma violência tão repentina que, quando meus compatriotas e eu olhávamos à nossa volta, éramos incapazes de nos reconhecer. Fustigados por mil vendavais diferentes, zonzos de ansiedade e doentes de incerteza, vimos como nossa tão preciosa ordem, aquela que nos protegera do caos que sempre parecia dominar nossos vizinhos da América Latina, estava sofrendo uma implosão devastadora, como se fosse uma estrela antiga que esgotara todo o seu combustível nuclear e agora caía de forma catastrófica sobre si mesma, formando um buraco negro com todas as suas linhas do tempo, todas as suas trajetórias futuras, apontando para um único ponto. O mais desconcertante é que ninguém — nenhum político, cientista, líder social ou artista — era capaz de explicar o que estava acontecendo. Parecia uma verdadeira revolução espontânea, alimentada pelo ressurgimento abrupto de desejos reprimidos que haviam estado latentes em nossa psique nacional durante décadas, e a princípio muitos de nós fomos arrastados por uma grande onda de otimismo. Talvez pudéssemos nos livrar, enfim, das

correntes que nos mantinham presos, controlados e limitados a trilhar um caminho diabólico, um decálogo que fora esculpido em pedra pelo regime militar, e que não tínhamos sido capazes de mudar de maneira significativa em mais de trinta anos de eleições democráticas. Centenas de milhares de pessoas foram às ruas. Em pânico, o governo declarou toque de recolher nacional para tentar conter a revolta e mobilizou as forças militares para reprimir a população pela primeira vez desde o fim da ditadura. Mas não houve como evitar a escalada massiva dos protestos, e uma multidão de mais de um milhão de pessoas marchou por mudanças. E, no entanto, em questão de dias a avalanche de solidariedade inicial deu lugar a saques, atos de vandalismo e tumultos. Não só nossas principais cidades, como também pequenos vilarejos e povoados rurais abandonados ao deus-dará, que nunca haviam conhecido aquele tipo de violência, se viram em meio às chamadas. As estradas e rodovias foram bloqueadas por centenas de pessoas exigindo centenas de coisas diferentes. A repressão da nossa polícia militarizada se tornou intolerável: se você tinha coragem suficiente para marchar, mesmo que de forma pacífica, corria o risco de ter os olhos estourados por um tiro. Ninguém era capaz de canalizar as forças desatadas, e a praça situada no umbigo da capital se transformou em um campo de batalha. À medida que a violência dos protestos se fundiu na violência do Estado, cada vez mais pessoas sucumbiram ao medo. Muitos não se atreviam a sair de suas casas.

A tempestade desencadeada pela crise social assolou o país por meses. Quando fomos atingidos pela pandemia, já estávamos de joelhos. Essa nova calamidade, ainda mais estranha, nos deixou aturdidos e completamente isolados uns dos outros. Havíamos começado a construir algo novo — com efeito, estávamos prestes a eleger os representantes para redigir uma nova Constituição justo antes de entrar em quarentena —, mas o pandemônio dos protestos deixara pouco mais do que ruínas e escombros, cinzas dos incêndios gigantescos que não conseguíamos apagar antes que alguém viesse acender o próximo. O processo de metamorfose que havíamos iniciado como nação estava fora do nosso controle, e agora avançávamos em espiral, incapazes de distinguir se ascendíamos ao topo, a um futuro mais luminoso, ou se estávamos cavando o chão sob nossos pés. Porque

também não tínhamos visto nenhum sinal de alerta: afinal de contas, quando a crise social estalou, nossas cifras macroeconômicas indicavam que estávamos melhores do que nunca. E os números não mentem, certo? A geração que inundou as ruas tivera uma educação melhor e contava com mais recursos do que seus pais. Apenas algumas semanas antes de estourar o caos, o país estava tão calmo e tranquilo que o idiota do nosso presidente comparou o Chile a um oásis, um remanso de tranquilidade na América Latina, imune ao vendaval de violência política e social que retumbava não só na região, mas no mundo inteiro, incendiando as ruas de Hong Kong, Paris, Londres, La Paz, Praga, Berlim, Bogotá, Beirute, Porto Príncipe, Cairo, Budapeste, Harare, Seul, Jacarta, Teerã, Bagdá, Nova Délhi, Manila e Moscou, entre tantas outras cidades, e que havia elevado ao poder lunáticos como Jair Bolsonaro, Donald Trump e Boris Johnson. Apesar de sua enorme potência, nossa deslumbrante revolução teve uma característica muito especial: carecia de uma narrativa central. Representou uma coisa diferente para cada pessoa. Sua natureza amorfa fez com que fosse capaz de assumir quase qualquer significado. Por não estar definida, abarcou tudo. Embora isso lhe desse uma escala colossal e uma força inédita, também minou o processo, pois ninguém sabia ao certo por que estávamos lutando, por que havíamos chegado àquele ponto de inflexão e como seguiríamos em frente. O país parecia se transformar de um dia para o outro, e as demandas sociais eram tão amplas, variadas e indefinidas que as elites econômicas e políticas que haviam monopolizado o poder de maneira tão confortável ao longo de três décadas de repente se viram indefesas, frágeis e incapazes de responder ao coro de vozes que clamava aos gritos por uma transformação rápida e radical. Ébrios de fúria, embriagados pelo nosso desejo de mudança, foi como se tivéssemos desenterrado a torre de Babel; de repente, todos falávamos em idiomas distintos, incapazes de nos comunicar uns com os outros exceto pelo leve tremor que sentíamos sob nossos pés, um estremecimento que percorria o chão e fazia tudo se mover, como se tivéssemos invocado, com nossos cânticos e orações, um titã adormecido, um ciclope que sacudia o país das costas enquanto se levantava. O movimento de protesto não teve um motivo único, um princípio orientador,

um líder, nem sequer um simples slogan por trás do qual todos pudéssemos nos unir, salvo esta frase, que cantávamos em coro sem parar, mas que rapidamente adquiriu conotações sinistras: “O Chile despertou! O Chile despertou! O Chile despertou!”. Sim, o Chile havia despertado, mas o que vimos quando nossos olhos se acostumaram com aquela luz ofuscante? Um emaranhado confuso de violência e esperança, um reflexo do presente em mudança contínua, um brilho que desafiava o senso comum porque havia sido fragmentado em muitas perspectivas. À medida que as pessoas filmavam e compartilhavam com seus celulares as cenas da primavera chilena, era como se quisessem criar, através do imenso volume de informação produzido de um minuto para o outro, uma nova imagem do nosso país. Mas quantas pessoas, tendo visto essa imagem, não desejaram apenas voltar a dormir e retornar à tranquilidade do sono? Não havia um jeito claro de unir todas as faíscas e aglutinar as múltiplas conflagrações em uma frente de chama coerente, pois o que estava acontecendo era algo tão novo — mas alimentado, ao mesmo tempo, por pecados, abusos e injustiças do nosso passado recente — que não conseguíamos compreender. Não foi um golpe de Estado, não foi uma insurreição armada, também não foi fruto, como o fora antes, do esforço de países estrangeiros que buscavam derrubar nosso governo. “Estalo social”, foi como a mídia batizou, porque aquela era a única certeza que tínhamos: havia sido uma explosão, um apocalipse, uma gigantesca onda de uma vitalidade primordial, lovecraftiana, nutrida por esse estranho refluxo através do qual as energias reprimidas se infiltram no presente, trazendo de volta todas as coisas que decidimos esconder, esquecer ou negar. Foi uma maravilha, uma espécie de milagre que desafiou todas as interpretações, e que eliminou num instante a lógica prevalente. Um big bang chileno. Nossa própria singularidade.

O documentarista Adam Curtis tentou explicar o absurdo que muitas sociedades, muitos movimentos sociais e muitas revoltas populares estão sofrendo como fruto de uma crise da imaginação: “Este pode ser um momento em que todas as velhas histórias que deram sentido ao mundo estão entrando em colapso. Agora mesmo, antes de chegar a próxima

grande história, uma massa disforme de trilhões e trilhões de fragmentos sem nenhum sentido está se precipitando para tentar preencher esse vazio. E por um breve intervalo de tempo na história, ficamos imersos num mundo completamente desprovido de significado. Mas então, de um lugar que hoje nem sequer podemos imaginar, alguém começará a juntar todos esses fragmentos de uma forma totalmente nova. E daí surgirá a próxima grande história”. O fracasso de nossas grandes narrativas em refletir como é estar vivo durante a segunda década do século xxi e o colapso desse dom divino que nos permite colocar em palavras a realidade e dar sentido ao que nos cerca para partilhar uma história em comum sem dúvida estão na base da nossa confusão atual e da nossa quase total desorientação. Mas desconfio que há algo mais: não temos histórias para explicar a nós mesmos de maneira adequada, porque estamos em uma corrida desenfreada, desconectados do passado e sem nenhuma ideia nítida de futuro, livres de qualquer tipo de vínculo, porém completamente perdidos. Vítimas da velocidade, nos transformamos em alciões, em martins-pescadores que despencam em queda livre, de olhos fechados, aturdidos com nosso próprio movimento. É como se tivéssemos sido vítimas de um processo voraz de total imprevisibilidade. A sensação é de estarmos “saindo do livro”.

Em 1863, todas as partidas do Campeonato Mundial de Damas terminaram em empate. A explicação é simples: esse jogo fora tão avidamente estudado e analisado nos mínimos detalhes que os jogadores sabiam de antemão as melhores aberturas e estratégias, os ataques ideais e seus contra-ataques. As pessoas perceberam que era possível jogar uma partida perfeita apenas seguindo os passos descritos n’*O livro*, uma gigantesca compilação de todos os movimentos imagináveis. Depois das damas, o mesmo processo foi aplicado ao xadrez: no entanto, a complexidade deste segundo jogo é tão grande que muitas vezes duas pessoas podem chegar a um ponto de absoluta originalidade, uma configuração de peças no tabuleiro nunca antes vista. Isso se chama “sair do livro”, e acredito que chegamos a um momento similar, um momento em que uma onda gigantesca de novidade está se derramando sobre o mundo e,

embora tenhamos enfrentado muitas transformações desse tipo no passado, a velocidade, a violência e o alcance da crise atual não têm comparação.

A irrupção do novo é um processo traumático. Hoje, os monstros e as maravilhas da ciência e da tecnologia nos deixam paralisados. Precisamos fazer um esforço constante para não afogar na rebentação de uma interminável maré de mudanças, enquanto os poderes políticos e econômicos nos espancam até a submissão, e as grandes empresas que haviam prometido “não fazer o mal” nos espiam com seu enxame de algoritmos. Diante dessa verdadeira avalanche de transformações, dessa orgia do novo, só podemos estremecer, como se estivéssemos vendo a cabeça de uma criatura mitológica emergir das águas do mar: ela nega as categorias do nosso pensamento, nos faz almejar a segurança do passado, nos obriga a fechar as pálpebras e rezar para que passe reto por nós, para que o fogo do seu olhar não nos consuma, e nos deixa isolados, tiritando na falsa segurança do nosso mundo interior. Mais do que qualquer outra coisa, gostaríamos de bani-la, mandá-la de volta para o inferno de onde surgiu. Mas não podemos. A realidade, ao contrário das sublimes histórias de terror que Lovecraft nos deu, não se adapta aos nossos desejos. Ela tem uma estranha vontade própria. Ficamos com aquela pergunta angustiante, aquela que só nos fazemos quando estamos cara a cara com o horror absoluto ou quando um verdadeiro milagre nos deixa mudos: isso é *real*? É a pergunta que as crianças se fazem quando conseguem escapar do pesadelo. É o que pensamos ao acordar dentro das ferragens retorcidas de um carro após o acidente que poderia ter custado nossa vida, mas é também o que sentimos, quase todos os dias, ao ligar nossas tevês, ao checar as últimas notícias em nossos telefones celulares: isso é real? Já não há uma resposta simples para essa pergunta, pois o que está acontecendo à nossa volta é real e irreal ao mesmo tempo. Precisamos desenvolver novas formas de interagir, não apenas entre nós, mas também com a rajada de informação dirigida constantemente aos nossos cérebros. Precisamos urdir novas histórias com as ruínas e os escombros deixados pelo colapso das grandes narrativas, arrasadas pela irrefreável ascensão do novo.

Existem algumas respostas óbvias à pergunta de por que nosso mundo se tornou tão incompreensível: quando os sistemas são interconectados, sua complexidade cresce de forma explosiva, e eles começam a manifestar fenômenos emergentes que não poderiam ter sido previstos antes, porque surgem como produto de múltiplas interações, algo semelhante ao que acontece dentro da nossa mente, com nossos pensamentos e nossas percepções. Essa miríade de novos elos entre aspectos previamente isolados da experiência humana pode levar a uma falha catastrófica da nossa capacidade de compreensão. Mas essa é apenas uma parte da resposta, pois qualquer sistema bombardeado por energia crescente começa a manifestar uma atitude cada vez mais turbulenta. Sua evolução futura se torna essencialmente imprevisível. A ordem se transforma em caos.

A humanidade sempre temeu o caos, embora ele agora tenha se tornado tão comum e onipresente que talvez devêssemos colocá-lo no centro de uma nova visão de mundo. Nos agarramos à ideia do caos mais do que a qualquer outra metáfora nascida da ciência durante o século passado, pois parece expressar e encarnar nossa condição atual de uma maneira que nenhuma ordem pode sequer aspirar, não importa o quão perfeitamente equilibrada, bela ou reconfortante seja. Como em muitas de nossas conquistas mais transcendentais, a descoberta do caos se deveu a um simples equívoco — com consequências muito profundas —, fruto da coincidência entre o erro de um homem e o de uma máquina: em 1961, o meteorologista e matemático estadunidense Edward Lorenz pôs para rodar no seu computador uma simulação climática. Seu modelo era simples e reduzia o clima a apenas um punhado de variáveis, mas era capaz de replicar, grosso modo, a atmosfera do nosso planeta. Em sua primeira tentativa, Lorenz inseriu à mão os números que determinavam temperatura, umidade, pressão do ar e velocidade do vento, então a máquina fez a simulação e registrou o resultado. Porém, na segunda vez, Lorenz imprimiu as variáveis e as introduziu de volta no cérebro do computador, pensando que eram os mesmos números, sem saber que sua máquina havia arredondado as cifras — depois da quarta casa decimal —, pois não era capaz de imprimir mais do que isso. Quando o matemático viu sua nova simulação, esperando

exatamente o mesmo clima, já que estava certo de ter utilizado as mesmas variáveis, ele se deparou com um padrão climático completamente diferente, sem nenhuma relação com o primeiro. Executou seu modelo várias outras vezes, obtendo sempre resultados distintos, até que enfim detectou o erro da máquina e teve uma verdadeira revelação: Lorenz compreendeu que sua simulação variaria de modo totalmente imprevisível se suas condições iniciais fossem alteradas, ainda que de forma infinitesimal. Essa extrema sensibilidade, que leva a mudanças profundas e que decorre de minúsculas diferenças que nenhum ser humano poderia prever ou seguir até as últimas consequências, já que requer o imenso poder de um computador para traçar a evolução de sistemas tão intrincados, está no coração do caos. É algo que vai contra todo nosso senso comum: a sabedoria cotidiana nos ensina que pequenas mudanças têm pequenos efeitos. Mas Lorenz descobriu que, para seu sistema de equações, o contrário era verdadeiro: um erro minúsculo poderia ser realmente catastrófico. Graças a uma epifania pessoal, que definiu boa parte da ciência de sua época, Lorenz percebeu que nunca seria possível fazer previsões de tempo exatas a longo prazo, porque o tempo era apenas uma manifestação de um tipo especial de sistemas — dinâmicos, complexos e não lineares — que, apesar de deterministas, são impossíveis de prever. Esses sistemas caóticos, que podem mudar num piscar de olhos e cuja evolução parece ser tão fortuita e aleatória, não podem ser domados por equações comuns e corriqueiras: eles exigem um novo tipo de pensamento. De Lorenz em diante, a ciência encontrou sistemas caóticos para onde quer que tenha olhado. Mas o caos não é o que parece. Não é mera desordem. Existem leis que regem seus movimentos. Existem formas misteriosas que traçam a extraordinária variedade de trajetórias díspares que surgem dos sistemas caóticos, atratores estranhos que, ao serem empregados ao longo do tempo, parecem borboletas aveludadas batendo suas asas, puxando-nos com uma força implacável. A teoria do caos foi a terceira grande revolução científica do século xx, junto com a relatividade e a mecânica quântica, mas, como costuma acontecer com as ideias científicas quando saem da segurança de sua toca e entram no grande campo de caça cultural, o que se apoderou da

imaginação humana, o que nos seduziu com inesperada violência não foi a extrema sensibilidade à variação das condições iniciais, mas o próprio conceito da imprevisibilidade: a noção de que nosso mundo, nossas sociedades e até mesmo nossas próprias mentes não são fenômenos que podemos controlar de todo. O caos parece sugerir que existe algo na própria essência das coisas que foge ao nosso alcance, algo que somos incapazes de enxergar, não importa quão longe olhemos em direção ao futuro, nem quão poderoso se torne o nosso olhar.

À medida que a ciência desvenda, pouco a pouco, os mistérios do universo, ela nos apresenta uma visão da realidade que é, paradoxalmente, cada vez mais difícil de compreender. Se podemos dizer que aquilo que conhecemos se expande na velocidade da luz, o que não somos capazes de entender cresce na velocidade da sombra; uma velocidade que não é constante, mas que aumenta de modo exponencial, como a energia escura que está desgarrando nosso cosmos. Independente de nossas crenças, hoje todos desconfiamos da ordem, de qualquer tipo de ordem, e mesmo aqueles que têm fé começaram a temer que o próprio Deus talvez não seja a entidade onisciente, todo-poderosa e plena de amor que nos prometeram na infância, mas uma deidade alienada que descarrega sua fúria contra um mundo que não pode governar, embora o tenha criado. Essa outra divindade se parece com o demiurgo dos gnósticos, um deus incompleto e fracassado que urra e violenta sua criação, como aquelas crianças pequenas que destroem os brinquedos que, poucos meses ou dias antes, eram seus objetos mais estimados, porque de repente lhes parecem tristes, feios, pobres, cheios de uma rancorosa nostalgia, lembranças intoleráveis do tempo perdido, da alegria perdida, objetos inertes desprovidos daquela magia essencial que os fazia parecer tão cheios de beleza, de propósito, de sentido. Uma divindade trágica que detém o poder absoluto, mas que carece de compreensão: é isso o que nós, seres humanos, nos tornamos no século xxi. E se esse é nosso Deus, estaria explicado por que o caos e a irracionalidade se transformaram, de repente, em caminhos para entrarmos no mundo. Também estaria explicado por que lunáticos perigosos voltaram a ascender como nossos líderes: eles trazem consigo a força da desrazão e cavalgam

livremente sobre as ondas frenéticas da mudança como nenhuma pessoa com decência ou bom senso pode fazê-lo. Esses mensageiros sombrios oriundos das profundezas do nosso inconsciente, essas vozes distorcidas que podemos ouvir gritando à nossa volta... são sereias nos chamando para o naufrágio e a morte? São apenas idiotas cheios de som e fúria, contando histórias que não significam nada? Ou será que são os primeiros arautos de uma nova forma de consciência, absurda e desprovida de sentido, capaz de ver além da lógica, e da qual talvez estejamos recebendo uma mensagem que até agora não quisemos ouvir? Ainda é cedo demais para saber. A única coisa que sabemos com certeza é que a realidade só vai ficar mais estranha nas próximas décadas.

Ao encararmos a imagem incompreensível que o mundo nos oferece, talvez possamos responder à urgente pergunta de Lovecraft: vamos subir à luz ou vamos retroceder, tremendo, de volta à escuridão? Para poder decidir, não deveríamos esquecer as palavras luminosas do autor: “Pessoas com um intelecto mais amplo sabem que não há uma distinção clara entre o real e o irreal; que todas as coisas só parecem o que são em virtude dos meios físicos e mentais delicados pelos quais cada indivíduo toma consciência delas; mas o materialismo prosaico da maioria condena como loucura os lampejos de lucidez que penetram o véu comum do empirismo evidente”. Embora o fantasma do irracional sempre vá assombrar a alma da ciência, pelo menos para mim, o chamado às armas de Hilbert continua sendo válido: precisamos saber, e saberemos. No entanto, nunca devemos esquecer que a ciência não é apenas um método: ela também é um delírio metafísico, a ilusão de pensar que nosso mundo obedece a uma ordem que podemos descobrir e entender. Isso não significa que tenhamos de abandonar os sonhos da razão, apenas que também devemos dar valor aos nossos pesadelos, pois pode ser que, como civilização, a única coisa a que podemos aspirar é despertar dentro desses sonhos. Para isso, talvez fosse bom lembrar as lições deixadas pela iluminação delirante de Philip K. Dick: que, às vezes, enlouquecer é uma resposta adequada à realidade, que a verdade e a loucura podem ser sintomas da mesma doença, e que o preço que pagamos pelo conhecimento é a perda da compreensão.

A cura da loucura

Um homem com a cabeça jogada para trás. Uma faca afiada abre seu cocuruto para revelar uma pedra: a pedra da loucura.

O infeliz estica o pescoço, se contorce para tentar ver o cirurgião que está de pé atrás dele e, ao fazer isso, seus olhos afundam nas órbitas, cada vez mais fundo, até que tudo o que se pode distinguir é o branco de sua esclera, a boca escancarada enquanto ele grita: “Cuidado! Cuidado! Deus nos vê!”.

Diante do homem há um frade grisalho com a moleira tonsurada; ele veste uma túnica de veludo preto, segura uma jarra metálica na mão esquerda e com a outra parece estar dando uma bênção. É secundado por uma freira que se inclina para a frente e apoia os cotovelos em uma mesa de pedra finamente entalhada enquanto observa a trepanação com uma expressão de nojo no rosto, embora talvez seja apenas tédio, esse enorme cansaço que sentimos diante da absoluta incoerência do mundo. Ela apoia a bochecha na palma da mão e mantém um grande livro encadernado em couro carmesim equilibrado precariamente na cabeça, coberta com um longo véu branco que ilumina seus traços severos e cai abaixo de sua cintura. A mulher não parece nem um pouco impressionada com a incisão pavorosa que o cirurgião fez direto no crânio do paciente. Mas, será uma tulipa brotando da ferida?

O pobre homem submetido a esse estranho procedimento medieval usa meias escarlate e uma túnica com mangas bufantes que mal cobre sua enorme barriga. Está sentado no meio de um campo aberto, descalço, no que parece ser o banco de uma igreja ou um confessionário dividido ao meio, e seus dedos apertam os suportes dos braços enquanto o médico — embora talvez fosse mais correto chamá-lo de torturador — segura-o por

um ombro enquanto efetua a operação com um grande jarro de cerâmica suspenso no cinto de couro preto ao redor de sua cintura, a cabeça protegida não por um gorro ou chapéu, mas por um gigantesco funil de metal que aponta diretamente para o céu.

Esses quatro personagens aparecem em um pequeno quadro pendurado no Museu do Prado, um quadro que passa quase despercebido pela maioria dos turistas, pois está exposto ao lado de *O jardim das delícias*, um grande tríptico que é, sem dúvida, a obra mais icônica de seu autor, o incomparável mestre holandês Hieronymus van Aken, mais conhecido como Bosch. Graças a seus três painéis abarrotados de cenas lisérgicas do paraíso, da terra e do inferno, *O jardim das delícias* é uma joia única, uma raridade absoluta na arte medieval, tão imponente que diminui quase tudo à sua volta, não apenas nessa sala em particular, ou mesmo no andar inteiro, mas talvez em todo o museu. O pequeno quadro que o acompanha é mais humilde em tamanho — mede apenas 48 centímetros de altura e 35 centímetros de largura —, mas não em temática: ele é conhecido por dois nomes, *A cura da loucura* ou *A extração da pedra da loucura*, e representa uma antiga superstição da Idade Média, a ideia de que a insanidade e a demência eram causadas por uma hipotética pedrinha que podia se alojar, ou talvez crescesse sozinha, no interior da cabeça. No quadro de Bosch, a pedra que o cirurgião está tentando extrair do crânio do paciente foi substituída por um bulbo. Podemos assumir, quase com plena certeza, que se trata do bulbo de uma tulipa, pois uma dessas flores majestosas — cor de amêndoa e quase murcha — jaz sobre a mesa onde a freira cansada repousa seus braços cansados. Michel Foucault escreveu sobre esse quadro no livro *História da loucura: Na Idade Clássica* e disse que “o famoso médico de Bosch está muito mais louco do que o paciente que ele tenta curar, e seu falso conhecimento não faz outra coisa senão revelar os piores excessos de uma loucura que é instantaneamente evidente para todos, exceto para ele mesmo”.

Em meus livros costumo escrever sobre a loucura e, talvez por isso, a cada nova publicação, homens e mulheres esquisitos aparecem na minha vida,

como mosquitos depois da chuva. Será que me veem como um dos seus? Será que anseiam que alguém escreva de forma elogiosa sobre suas ideias insanas? Sentem-se justificados, vistos, apreciados? Ou simplesmente não conseguem se controlar, como acontece tanto com os loucos quanto com os lúcidos? Um de meus livros trata de várias descobertas científicas que desafiam a lógica e que alteraram profundamente nossa visão de mundo. Quando chegou às livrarias, diversas pessoas entraram em contato comigo: um sujeito muito empolgado me escreveu para perguntar se por acaso eu conhecia a “desmaterialização”, uma prática que, segundo ele, os maias usavam para fugir do tempo e que fora redescoberta por um neurofisiologista mexicano nos anos 1960, que um dia entrou em seu laboratório e desapareceu sem deixar rastro; um homem chamado John, de Vermont, na Nova Inglaterra, insistiu com veemência para que eu lesse suas ideias, orgulhosamente leigas, sobre os “quarks como estruturas tetris interconectadas”, as “brocas dimensionais” ou como “as elípticas revelam informações que permitem que os universos evoluam a partir de um ponto”; um médico chileno de sobrenome alemão me convidou para tomar um café, pois tinha certeza de que eu poderia me beneficiar por conversar “com uma pessoa comum e silvestre”; mas a mensagem mais curiosa de todas veio de uma mulher, cujo nome omitirei por motivos que se tornarão óbvios.

Ela mandou um e-mail para o tradutor dos meus livros para o inglês, que rapidamente o encaminhou para mim, junto com uma nota irônica: “Pois então, acabo de receber este e-mail de uma pessoa evidentemente louca”.

Olá:

Você é um escritor melhor do que eu, e respeito seu trabalho, mas estou tendo problemas com uma pessoa que roubou tudo o que enviei para uma comunidade de leitura online, fez uma miscelânea e vendeu a alguém que está usando isso para “construir sua marca literária”. Tenho certeza de que você não faz a menor ideia de como essa pessoa age, mas acredito que talvez possa saber quem ela é, pois você foi treinado pela mesma comunidade orientada à segurança. Se puder fazer alguma coisa para me ajudar ou me aconselhar nesse assunto, te agradeço muito. Onde quer que eu vá, batem a porta na minha cara.

Essa pessoa fez com que reescrevessem meu romance em três versões diferentes: uma foi autopublicada, a outra acaba de ser lançada pelo escritor de best-sellers Matt Haig e uma outra vai sair nesta primavera como um “romance conceitual vanguardista” sobre uma linda jovem que frequenta uma escola de floricultura e é casada com um homem bastante desatento que viaja muito. Estou entrando em contato contigo porque o romance que você acaba de traduzir parece ter sido inspirado em algo que postei nessa comunidade literária online. Claramente não foi plagiado e adota uma perspectiva diferente sobre o tema, mas aprendi a prestar atenção em semelhanças incomuns e a usá-las para criar hipóteses sobre como as ideias são disseminadas pelas pessoas. Uma das ideias que desenvolvi nos últimos tempos é que existe um mercado paralelo para livros que pessoas como você são contratadas para escrever, e que esses livros são vendidos para meninos chilenos idiotas e ricos que querem parecer inteligentes. Isso não é problema meu, mas quero que você saiba que a pessoa que está orquestrando tudo isso roubou grande parte de sua matéria-prima de gente como eu.

A princípio, achei a mensagem hilária — seria eu o menino chileno idiota e rico que queria parecer inteligente? —, mas depois fui ficando cada vez mais obcecado por aquela mulher. Passei dias inteiros assistindo aos vídeos que ela postou no YouTube e devorei seu blog com uma curiosidade mórbida, depois de seguir o link que aparecia no topo da sua página:

*Clique aqui
para ver o conteúdo da minha cabeça*

Nos artigos do site, ela costumava incluir gráficos para rastrear semelhanças entre os pontos principais das tramas de seus próprios livros autopublicados e de autores famosos como Kazuo Ishiguro. A mulher acredita fervorosamente que muitos romances best-sellers não foram escritos por seres humanos, mas “colhidos”, manufaturados por programas de inteligência artificial que obtêm sua matéria-prima do conteúdo que

absorvem da internet. Achei isso interessante, pois o e-mail que ela enviara ao meu tradutor estava escrito de uma maneira tão peculiar que parecia fruto de um desses programas: sua gramática estranha, seus delírios paranoides, seus pedidos de ajuda seguidos daqueles insultos redigidos de modo tão anormal... Tudo soava artificial e simulado. Seus vídeos eram a única evidência que eu tinha de que ela era uma pessoa real: neles, seu rosto — ela é loira, pálida, muito bonita, beira os quarenta anos e tem a voz suave e os delicados maneirismos de uma artista de asmr — aparece levemente distorcido por múltiplos filtros e efeitos de iluminação. No entanto, ela parece muito real, e até mais por causa da sua fantasia de perseguição, que brilha com tanta clareza à medida que ela delira e alucina sem parar sobre suas principais obsessões: plágio literário, cabalas secretas, agentes disfarçados e operadores que manipulam o negócio obscuro da indústria editorial. Os relatos que li em seu blog também estavam cheios de paranoia, ódio contra si mesma e cenas de humilhação: em um especialmente grotesco, ela descreve uma mulher que está presa num porão cuja janela dá para a rua; os homens que passam por ali costumam mijar pela janela aberta, e a mulher não só se acostuma com isso, como procura, deliberadamente, o lugar onde o mijo cai, já que dessa forma se sente “reconhecida pelos de cima”. Em muitas de suas postagens, ela denuncia o que chama de “uma cultura de devoradores da morte” no mundo editorial, um negócio que, na sua opinião, funciona como um gigantesco parasita que se alimenta da criatividade de pessoas talentosas porém desconhecidas, atacando-as sem que possam se defender, para depois descartá-las secas e vazias, com toda sua energia vampirizada por sistemas de plágio automatizados. Assolada pelo nível de maldade que sente ser dirigida a sua pessoa e seus romances, ela chega inclusive a duvidar de sua própria existência, pelo menos no que se refere a sua nêmesis, a indústria editorial, essa terrível hidra de múltiplas cabeças: “Por acaso acham que estou morta?”, pergunta-se em um vídeo. “Ouçam, devoradores da morte!”, ela grita, “eu ainda não estou morta!”

Sua formação científica é a única coisa que dá a seus delírios um mínimo de solidez: ela diz que foi pesquisadora de pós-doutorado em física

de aceleradores de partículas e, de fato, pude encontrar vários de seus artigos sobre dinâmica de feixes, lasers de elétrons livres e a geração de harmônicas por eco. Como boa cientista, ela acredita nos números e alerta seus plagiadores de que eles não podem escapar do olhar frio e implacável da matemática. Os números não mentem, diz ela, e uma cuidadosa análise estatística oferece provas incontestáveis de que seu primeiro romance foi definitivamente plagiado, não uma, nem duas, nem três vezes, mas mais de seis desde que ela o autopublicou na Amazon em 2018. “Sinto muito, literatos, mas existe uma coisa chamada matemática. E quando os livros e os números não batem”, adverte, “acaba a festa!” Apesar de estarem baseadas em técnicas estatísticas válidas, suas análises não são convincentes: embora encontre diversas correspondências importantes entre os enredos de seus romances e os dos autores que acusa de plágio (ela afirma ter descoberto 280 pontos de semelhança entre um de seus livros e o romance *Agency*, de William Gibson), as coincidências são muito gerais e poderiam se referir a uma infinidade de obras. Ela também usa e abusa de metáforas e conceitos científicos de outras disciplinas, como a neurologia e a biologia, na tentativa de sustentar suas visões quiméricas — “a memória de trabalho do ser humano só pode se lembrar de catorze elementos consecutivos de uma trama”, repete diversas vezes, como um mantra, querendo dotar esse fato trivial de um poder vasto e irrefutável para usá-lo como arma contra seus inimigos. E, no entanto, afoga-se entre ideias que estão claramente além de sua capacidade de compreensão, ideias que ela copia e cola de forma díspar. O resultado final de suas operações é um emaranhado que hipnotiza e confunde, um estranho feitiço composto de uma série de coincidências misteriosas, dados e números que não têm nenhuma relação entre si, amalgamados para criar uma ordem que é extraordinariamente sedutora e que não se pode descartar por completo, apesar de sua óbvia falta de sentido, graças à sua natureza selvagem e caótica. Um padrão emerge dos números. Tudo está alinhado! Embora tenha plena consciência dos perigos de selecionar a dedo os dados necessários para confirmar uma hipótese preestabelecida, ela se recusa a aceitar que as semelhanças nas quais baseia suas teorias possam ser nada

mais do que coincidências ou fruto de uma relação espúria. Porque a ordem sugere inteligência, as coincidências nos falam de uma intenção, e uma linha reta de pontos em um gráfico indica o caminho para uma verdade inegável. Mas, o que acontece se um pequeno demônio ou um anjo travesso do caos estiver deixando cair migalhas para ela seguir? O que acontece se a ordem que ela vê com absoluta lucidez não for senão a fatalidade do acaso? Seguindo sua inclinação científica, ela desenhou uma espécie de experimento para provar uma de suas hipóteses: a de que não só é mais simples e rápido criar um romance ao copiar o trabalho de outra pessoa, como a cópia pode facilmente superar o valor do original. Para tanto, pegou o livro de um de seus supostos plagiadores — um que, segundo ela, era inteiramente baseado em seu primeiro romance — e escreveu uma nova versão em menos de cinco dias. Não sentiu nenhum remorso; afinal, na sua cabeça, ela não só estava copiando sua própria obra, como fazendo justiça ao recuperar e resgatar suas palavras. Ficou fascinada com seu “plágio de um plagiador” e chegou inclusive a sonhar com uma saga de livros completa, uma série criada quase sem nenhum esforço, uma enorme riqueza inexplorada à qual ela tinha direito incontestável. Não é assim que funciona tudo na vida?, ela se pergunta, e eu não deveria poder aproveitar os mesmos mecanismos com que meus inimigos me atacam? Porque as regras não são iguais, e o jogo é arranjado: ela não tem acesso aos programas de inteligência artificial que os editores malvados da indústria utilizam para roubar suas ideias. Essa estranha forma de escrita em que ela caiu, essa cobra mordendo o próprio rabo, criava todo tipo de paradoxos e espirais girando sobre si mesmos, como os que a loucura favorece tão avidamente. Afinal, os sinuosos caminhos da desrazão possuem uma beleza sedutora e orgânica da qual as linhas retas da lógica e as estritas conexões de causa e efeito carecem por completo. Mas o mundo se defende perante suas incoerências: ela confessa ter sido banida de vários sites populares, como o Reddit e o LessWrong — este último se define como uma comunidade dedicada a “melhorar o raciocínio e a tomada de decisões”. Foi expulsa, seus artigos foram denunciados e excluídos ou tiveram um alerta acrescentado previamente a eles, e diversos usuários manifestaram

preocupação diante da possibilidade de que suas ideias e teorias decolassem, devido ao perigo evidente (para usar suas próprias palavras) de que suas crenças paranoicas fossem “disseminadas pelas pessoas”. Mas ela sempre encontra novos espaços para continuar a postar, ou então se refugia na segurança de seu próprio blog, onde não tem que enfrentar críticas nem abafar o coro de vozes que se levantam contra ela, vozes que parecem concordar sempre no mesmo diagnóstico: “cl clinicamente paranoide”.

Mesmo quando nega a legitimidade de seus críticos, ela não está totalmente isenta de autoconsciência: de vez em quando, questiona sua sanidade, põe em xeque suas conclusões e tenta inclusive rebater seus próprios argumentos, embora sem entusiasmo. Para ela, o mistério central, a única pergunta para a qual não consegue achar uma resposta satisfatória, é “por quê?”. Por que tudo isso está acontecendo com ela? Por que há tantos autores copiando seus romances? “Será que isso acontece com muita gente”, se pergunta, “ou as pessoas que usaram meu livro como um esquema detalhado para construir os delas têm algum motivo ulterior? Não tenho como saber.” A resposta mais simples — que ninguém a plagiou e é muito provável que apenas um punhado de pessoas tenham lido seus romances — é algo que ela simplesmente não pode admitir ou sequer contemplar. Mas isso é compreensível. Quem poderia julgá-la? Quem de nós nunca sentiu — ou ainda sente — o peso dessa espada suspensa sobre nossas cabeças, a sensação terrível de que somos inúteis, de que não temos nenhum talento real e que, por mais que nos esforcemos, nunca faremos nada que valha a pena ou que possua beleza e valor? Quem não teme ser invisível? Quem não busca reconhecimento sabendo que, se levantar a cabeça, por um segundo que seja, pode se tornar objeto de chacota? Somos muitos os que escrevemos com a sensação de estarmos cavando um buraco sob nossos pés, mesmo quando tentamos reforçar os muros de nossos castelos de areia, que já desmoronam na praia. Por isso não pude deixar de sentir compaixão por ela, mesmo quando postou um novo vídeo, que assisti enquanto ainda estava escrevendo este texto, no qual não apenas ria das minhas tatuagens, do meu cabelo e da minha jaqueta de couro, como dava a entender que o Chile, o país onde vivo, é um lugar tão atrasado e perdido no

cu do mundo que não haveria como eu ter acesso aos livros e documentos necessários para poder escrever meu livro. Parecia inconcebível para ela que um trabalho como o meu tivesse sido criado fora de uma instituição acadêmica. Então, a única explicação que ela podia dar a si mesma era, obviamente, que eu não o havia escrito, mas o comprara no mercado paralelo para impressionar meus pais ou minha namorada.

Como ocorre com quase tudo o que ela escreve, descobri várias pérolas ocultas entre seus muitos erros factuais, hipóteses descabidas e alucinações insanas: na metade do vídeo, ela se pergunta se dois dos cientistas sobre os quais eu tinha escrito — Karl Schwarzschild, o primeiro ser humano a encontrar uma solução exata para as equações da relatividade geral (dentro da qual cochilava este monstro sombrio e implacável que é o buraco negro), e Alexander Grothendieck, um matemático extraordinário que revolucionou a geometria em meados do século xx e depois desapareceu nos Pirineus, onde refutou por completo a ciência e se lançou de cabeça no misticismo — haviam realmente existido ou se tinham sido inventados por outros cientistas anônimos para servir como rostos para o corpo de uma obra que, do contrário, teria permanecido ignorada e desconhecida: “Uma forma de preservar um trabalho que normalmente cairia no esquecimento é publicá-lo sob o nome de um famoso”, especula. Embora dissipar essas dúvidas não tivesse levado mais do que três minutos na internet e, com efeito, mais alguns minutos teriam sido suficientes para encontrar as fontes originais que utilizei em meu livro, todas disponíveis online, ela não consegue lidar com as contradições em seu pensamento e segue em frente, sempre encontrando novos inimigos e novas formas de manter seus delírios, dessa vez arremetendo contra mim, um total desconhecido, com insultos e acusações ridículas, ainda que muito divertidas. Achei absolutamente adoráveis alguns dos dardos que ela lançou contra meu livro (“Parece uma obra feita por mais de uma pessoa”; “O primeiro capítulo soa como se tivesse sido escrito por um velho alemão”), porque, se dependesse de mim, acharia fascinante me transformar numa entidade composta, numa legião de escritores com forte sotaque germânico que habitam um único corpo. Quando criei coragem para folhear o livro que, segundo ela, eu havia lhe

copiado, não pude encontrar um único fio da trama em comum, e nem uma razão (embora razão não seja exatamente a faculdade em questão nesse caso) para que ela me incluísse no grasnido de supostas gralhas que bicam sua cabeça para roubar sua criatividade. Apesar de seu veneno, não posso julgá-la severamente, sobretudo porque, de vez em quando, ela é capaz de escrever linhas que esbanjam uma beleza inquietante, como aquela que dedicou ao último capítulo do meu livro. O texto narra o encontro entre um homem que sai para passear com seu cachorro e um matemático aposentado que dedica os últimos anos de sua vida a cuidar de um jardim no sopé da cordilheira dos Andes, onde só trabalha de noite. O destino final desse matemático era totalmente desconhecido para mim, pois nunca o desenvolvi como personagem e o usei apenas como um recurso narrativo, mas ela o pôs em palavras de um jeito maravilhoso: “Podemos acabar como um jardineiro noturno, cuja única responsabilidade é podar os brotos indesejados da árvore do conhecimento”.

Vendo o vídeo que ela dedicou ao meu livro e lendo a transcrição do áudio que ela postou em seu blog, percebi que uma das coisas mais cruéis que ela escreveu parece se encaixar em sua própria obra como um sapatinho de cristal cintilante: “Se nos aproximamos e damos zoom no texto, são puras mentiras, mentiras ridículas, mas se nos afastamos, há uma verdade maior que consegue ser transmitida e que é muito perturbadora”. No caso dela, essa verdade é que, embora esteja claramente desequilibrada e confusa, ela só está fazendo o que todos nós temos que fazer, em especial hoje em dia: está desesperadamente tentando construir seu próprio sentido do mundo. Em seu universo particular, o plágio é a força dominante. Porque não são apenas os escritores que copiam: segundo ela, Einstein roubou as ideias de sua mulher, Newton abusou de Hooke e de Leibniz, Planck saqueou Ludwig Boltzmann, Galileu Galilei fez o mesmo com Giordano Bruno, Richard Feynman com Murray Gell-Mann, e Werner Heisenberg com Emmy Noether, enquanto Erwin Schrödinger, sobre quem eu havia escrito, na verdade não originou a famosa equação que leva seu nome, mas a roubou de uma mulher chamada Sophie Germain, que a inventara mais de cem anos antes. Devido à sua implacável monomania, para ela todas as

coisas parecem ser uma cópia de uma cópia de uma cópia, e desenterrar o original, encontrar o real para poder separá-lo de suas inúmeras réplicas e simulacros não é apenas difícil: é impossível.

O que mais me dói é que, ao escrever isto, sinto como se estivesse tornando alguns de seus delírios realidade. Estou pegando suas ideias, usando suas palavras e as remodelando para se adaptarem a meus propósitos. Nesse sentido, eu a estou traindo. Meu único consolo é que ela se aproximou de mim, escreveu para o meu tradutor, então, este diálogo — que é, admito, na verdade unilateral — foi iniciado por ela. A forma que sua paranoia adquire é interessante, mas fácil de refutar: embora seu delírio esteja sustentado pelos métodos e pelas metáforas da ciência, seu uso irresponsável dos números e sua compulsão por urdir teorias extravagantes, que desmoronariam sob qualquer análise séria, falam de uma mente que está ruindo e que se lança contra homens e mulheres espantelhos. No entanto, ela não é a primeira — nem será a última — a usar a ciência como muleta. Quantas pessoas, organizações, empresas e governos depositaram uma confiança cega nos números e acreditaram na solidez dos “dados concretos”, mesmo seguindo um caminho insano? São tantas que é impossível citar. Eu sabia perfeitamente que devia esquecê-la e me afastar, porém, por mais que tenha tentado, não consegui parar de pensar nela. Havia alguma maneira de ajudar aquela mulher? Ela tinha se submetido a algum tipo de tratamento? E sua família? Como eles lidavam com seu delírio? Em seu blog, ela havia escrito sobre seu marido e seus filhos e sobre vizinhos com quem compartilhava seus textos, mas como eu poderia saber se eram reais? Pensei em entrar em contato com ela, mas imediatamente me afastei desse desejo, com medo de que sua loucura pudesse invadir meu mundo de alguma forma, como já havia contagiado meus pensamentos. Afinal, a loucura faz parte da minha família. Meu bisavô acabou em um manicômio. Minha avó sem dúvida foi bipolar. Se jogou pela janela do apartamento, de um nono andar, quando eu tinha oito anos, mas só me contaram de seu suicídio quando eu já tinha vinte e poucos, talvez porque meu pai achou que a pulsão suicida poderia ser contagiosa. E talvez ele não estivesse tão enganado: embora nunca tenha

suspeitado que houvesse algo estranho em sua morte, logo após o enterro comecei a ter pesadelos em que me lançava no vazio do topo de um edifício. Não sei o suficiente para poder diagnosticá-la, mas quando pensava naquela estranha escritora, presa em sua psicose, descarregando sua raiva e frustração contra o mundo, eu via imagens do quadro de Bosch, *A cura da loucura*, na minha imaginação e me perguntava o que faria se tivesse o bisturi do cirurgião nas mãos e a cabeça dela na minha frente. Cortaria sua pele? Ousaria perfurar seu crânio para tentar chegar à sua mente doentia e eliminar a raiz da loucura que ali crescia? E se o fizesse, serviria para alguma coisa? Dispomos de algum remédio eficaz para seus problemas ou devemos nos conformar com o atroz equivalente moderno da trepanação que aparece no quadro de Bosch, esse rio de drogas e químicos com que inundamos o sistema nervoso de tantas mulheres e tantos homens que habitam os limites da razão em nossa vã tentativa de domar as quimeras da paranoia, as fantasias dos doidos e a bestial imaginação dos delirantes? Poderemos algum dia extrair a pedra da loucura? Seremos capazes de arrancar por completo aquele bulbo maligno através de algum processo físico ou psicológico? Sobre essa questão, devo concordar com Foucault: tentar é um sinal de delírio, de que a razão está ultrapassando suas fronteiras, de que a ciência e a medicina estão se extraviando para além de seus limites, porque se algum dia conseguíssemos, estaríamos apenas amputando uma parte fundamental de nós mesmos.

Se bem que talvez o título desse quadro esteja nos enganando. Quem sabe o cirurgião, em vez de extrair uma pedra, esteja implantando algo: uma tulipa, uma flor que, quando germinar por completo, brotará da testa do paciente, elevando-se acima de seu longo caule sem folhas; uma flor que, ao abrir suas pálidas pétalas de cera, trará os frutos da loucura — tão férteis e venenosos — de volta ao nosso mundo, ascendendo das profundezas onde tentamos ocultá-los, de volta à luz a que certamente pertencem, florescendo daquele abismo onde a razão decidiu desterrar tudo o que não podemos compreender, tudo aquilo que não queremos aceitar, qualquer coisa que nos lembre que nós, que fomos capazes de conquistar a face do planeta, que mergulhamos no abismo do oceano e viajamos para além da atmosfera

rumo ao vazio das estrelas, contemos, todavia, uma legião de anjos e demônios que nunca estarão sob nosso controle, não importa até onde chegue nosso progresso nem o quão alto nossa civilização voe. A fragilidade, o gênio, a criatividade e a irracionalidade nunca deixarão de nos assolar, sempre estarão ali para nos seduzir e enfeitiçar, serão deleite e tormento, pois revelam nossos múltiplos rostos, não apenas a profunda sombra da depravação, mas também a natureza quase milagrosa daquilo que consideramos normal, corriqueiro e mesquinho: o bom senso. Embora não restem dúvidas de que corremos um grande perigo ao deixar os espíritos da desrazão galoparem fora de controle, livres e selvagens, tampouco podemos exorcizá-los de todo, pois sem eles não apenas seremos mais pobres em muitos sentidos: sem eles, podemos não sobreviver.

Ao ler as palavras daquela mulher infeliz e ouvir sua voz sussurrante, não pude deixar de pensar que talvez nossas vidas ultraconectadas estejam nos conduzindo a um novo tipo de transtorno, uma forma de loucura contagiosa que está se infiltrando pouco a pouco no mundo, erodindo a fina barreira que separa a realidade da fantasia, a ficção da não ficção. Hoje, tanto a paisagem criada por nossos meios de comunicação quanto nossas experiências cotidianas parecem estar sempre nubladas, tingidas de certa desconfiança, a estranha sensação de que o mundo perdeu algo essencial. No entanto, minha própria vida me ensinou que não é bom questionar demais essas coisas, ou pensar muito nelas, por isso, depois da minha breve obsessão por aquela mulher, decidi simplesmente esquecê-la e voltar a focar nos meus próprios escritos, em especial porque na biografia incluída em seu blog ela deixa bem claro que também tem dúvidas sobre sua sanidade: “Talvez eu esteja louca”, escreve. “Aposto que, se a pessoa que fui vinte anos atrás visse meus vídeos, concluiria que perdi a cabeça.” Parei de lê-la e tentei expurgar sua imagem de meus pensamentos, mas um dia, por pura coincidência, me deparei com uma notícia publicada no *New York Times*.

POR QUE DIABOS ESTÃO ROUBANDO MANUSCRITOS DE
LIVROS INÉDITOS?

Um esquema de *phishing*, sem motivo nem lucro aparente, dirigido contra autores, agentes e grandes e pequenas editoras, desconcerta a indústria editorial.

O artigo alerta para uma misteriosa operação de *phishing* que afeta toda a indústria editorial. Detalha o modo como não apenas autores best-sellers como Margaret Atwood e Ian McEwan, mas também escritores desconhecidos e até inéditos foram enganados de inúmeras maneiras para que compartilhassem ou entregassem seus manuscritos.

O mais surpreendente é que, até o momento, esses manuscritos roubados não apareceram no mercado paralelo ou na *deep web*, e ninguém exigiu qualquer pagamento ou recompensa em troca de sua devolução. Quem estava fazendo tudo isso? E mais importante: por quê? O artigo não oferece respostas.

Imediatamente pensei na minha mulher misteriosa. O que ela terá sentido ao ler a notícia? Será que foi uma vitória pessoal, o mundo enfim aderiria aos seus delírios? Ou teve o efeito oposto, a terrível confirmação de seus piores medos e a prova irrefutável de que as forças obscuras empenhadas em destruí-la são absolutamente reais? Nunca saberei. Embora muitas vezes tenha pensado em contatá-la, sei que é melhor deixá-la em paz, pois, em toda essa história, não consigo distinguir quem é o médico, quem é o frei, quem é o paciente, quem é a freira e qual de todos nós carrega a pedra da loucura na testa.



Juana Gómez

Benjamín Labatut nasceu em Rotterdam e vive em Santiago. Ganhou o Premio Caza de Letras em 2009 com seu livro de estreia, *La Antártica empieza aquí*. *Quando deixamos de entender o mundo*, publicado pela Todavia, foi finalista do Booker Prize em 2021.

La piedra de la locura © Benjamín Labatut, 2021 c/o Puentes Agency

Todos os direitos desta edição reservados à Todavía.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa

Celso Longo

ilustrações de capa e verso de capa

Bruna Canepa

imagem da p. 8

Hieronymus Bosch, *A extração da pedra da loucura*, c. 1501-5. Óleo sobre painel de carvalho. Museu do Prado, Madri.

preparação

Julia Passos

revisão

Jane Pessoa

Erika Nogueira Vieira

versão digital

Booknando

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Labatut, Benjamín (1980-)

A pedra da loucura / Benjamín Labatut ; tradução Mariana Sanchez. — 1. ed. — São Paulo :
Todavia, 2022.

Título original: La piedra de la locura

ISBN 978-65-5692-362-8

1. Literatura chilena. 2. Ensaio. I. Sanchez, Mariana. II . Título.

CDD CH864

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura chilena : Ensaio CH864

Bruna Heller — Bibliotecária — CRB 10/2348

todavia

Rua Luís Anhaia, 44

05433.020 São Paulo SP

T. 55 11. 3094 0500

www.todavialivros.com.br

**Quando
deixamos
de entender
o mundo**

**Benjamín
Labatut**

...

Quando deixamos de entender o mundo

Labatut, Benjamín

9786556922485

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em 2012, o matemático japonês Shinichi Mochizuki publicou artigos provando uma das mais importantes conjecturas da teoria dos números. Quando sua prova foi considerada impossível de entender pelos maiores especialistas da área, Mochizuki terminou por se excluir da sociedade, evocando o autoexílio de outro matemático, o lendário Alexander Grothendieck. Haveria alguma conexão enigmática entre esses dois homens?

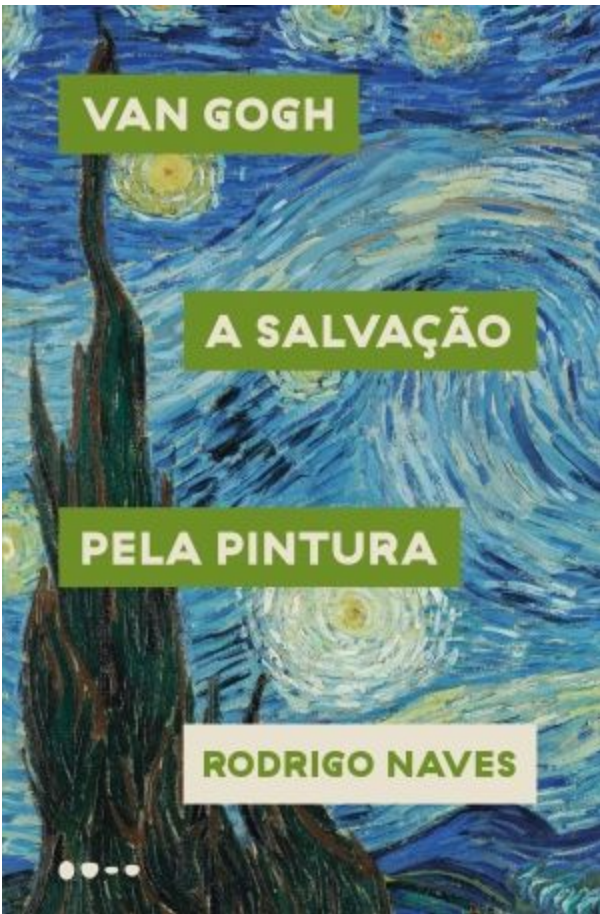
Esse é o ponto de partida de "O coração do coração", uma das narrativas que o chileno **Benjamín Labatut** reuniu neste livro que o tornaria uma sensação mundial. Elementos parecidos figuram nos outros textos: cientistas tão geniais quanto atormentados perseguem suas ambições ao custo da saúde física e mental, enquanto os desdobramentos pessoais e históricos de suas descobertas atravessam o tempo e o espaço.

Baseando-se em biografias e teorias reais, mas recorrendo à ficção para produzir efeitos estéticos e associações de ideias, o autor explora em seus relatos o entrelaçamento entre a vida íntima e o desbravamento científico. Com um estilo em que ouvimos ecos de W. G. Sebald e Roberto Bolaño, o leitor pode sentir que está diante da montagem hábil de "um quebra-cabeça cuja tampa se perdeu" — para aproveitar a metáfora com que Labatut descreve o jovem Heisenberg brincando com as matrizes que o levarão a for

mular a mecânica quântica.

Protagonizado não somente por cientistas famosos como Einstein e Schrödinger, mas também por figuras menos conhecidas e igualmente fascinantes, o livro é uma investigação literária sobre homens que atingiram o "ponto de não retorno" do pensamento e nos revelaram em alguma medida o "núcleo escuro no centro das coisas".

[Compre agora e leia](#)

The background of the book cover is a reproduction of the painting 'The Starry Night' by Vincent van Gogh. It features a swirling blue sky with bright, glowing yellow stars and a crescent moon. In the foreground, there are dark, silhouetted cypresses on the left and a small village with a church spire in the distance.

VAN GOGH

A SALVAÇÃO

PELA PINTURA

RODRIGO NAVES



Van Gogh

Naves, Rodrigo

9786556921013

104 páginas

[Compre agora e leia](#)

A obra crítica de **Rodrigo Naves** caminha em tensão permanente entre as noções de forma e história. Seu livro *A forma difícil*, lançado originalmente em 1996, é um marco na interpretação da arte brasileira. A partir de leituras minuciosas das obras de Guignard, Volpi, Debret e Amilcar de Castro, Rodrigo discute a dificuldade de emancipação da forma moderna na arte brasileira. Em seus ensaios, a análise da materialidade específica de cada trabalho é sempre o ponto de partida. Não é diferente nesta poderosa interpretação da obra de Van Gogh. Atento à fatura expressiva das icônicas telas do artista holandês, Rodrigo procura entendê-las à luz da ideia de salvação, profundamente enraizada na formação protestante do pintor (seu pai era pastor de orientação calvinista e ele próprio foi pastor assistente). As consequências críticas do argumento são inúmeras — e contribuem para uma imagem mais nuançada da trajetória do artista, refém de incontáveis estereótipos associados à genialidade e à loucura. O Van Gogh que surge destas páginas não é apenas o gênio instável e atormentado, mas um artista consciente dos mínimos aspectos de seu ofício, ao qual se via ligado como a uma predestinação religiosa. A liberdade de referências típica dos mais prendados ensaístas, o rigor da análise formal — devedor de exigentes leituras de estética —, a limpidez do estilo, a originalidade dos pontos de vista, a assertividade das opiniões, o espírito de provocação, todos esses

predicados da influente obra de **Rodrigo Naves** se fazem presentes neste ensaio. Como nos quadros do pintor holandês, vaza luz das páginas deste livro. E ela nos ajuda a enxergar com mais nitidez os enigmas do mundo lá fora.

[Compre agora e leia](#)

Sonhei com o
anjo da guarda
o resto da noite

Memórias

Ricardo
Aleixo

Sonhei com o anjo da guarda o resto da noite

Aleixo, Ricardo

9786556923611

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

É tarefa instigante delimitar os usos que **Ricardo Aleixo** faz da palavra, esteja ela escrita no papel ou "jogada no vento", como diz um de seus mais conhecidos poemas. "Vidapoesia" é o exato neologismo usado pelo autor para descrever uma relação situada nos limites da linguagem e da existência — dinâmica incomum que, numa bem-vinda aproximação com a prosa, recebe neste livro contornos afetivos específicos.

Mas as memórias que compõem este volume não são apenas reminiscências. Vão além do memorialismo, injetando novas tensões ao gênero que outros grandes poetas brasileiros, como Manuel Bandeira e Murilo Mendes, praticaram em seus anos de maturidade. Descrevendo desde os primeiros contatos com as letras, ainda criança em Belo Horizonte, a lembrança puxa a crítica, desvela o comentário, anuncia rápidos arranjos ensaísticos e abre alas para a poesia. A prosa memorialística de Aleixo, híbrida por si só, deixa evidente uma inseparável ligação sua com as bordas da literatura, numa constante reinvenção do passado pela palavra escrita e avoadada, a todo tempo distendida.

Não por acaso, suas lembranças também são testemunhos da afirmação contra os privilégios, a condescendência e o preconceito que atravessam a

trajetória de um artista que faz desses temas motivos recorrentes em sua obra.

[Compre agora e leia](#)

TORTO ARADO

ITAMAR
VIEIRA
JUNIOR



Torto arado

Vieira Jr., Itamar

9786580309320

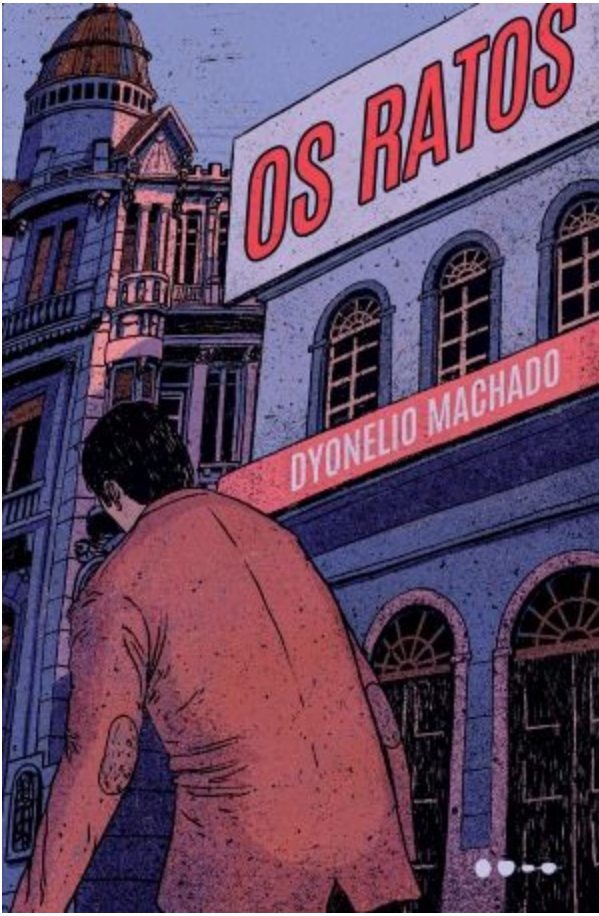
264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um texto épico e lírico, realista e mágico que revela, para além de sua trama, um poderoso elemento de insubordinação social.

Nas profundezas do sertão baiano, as irmãs Bibiana e Belonísia encontram uma velha e misteriosa faca na mala guardada sob a cama da avó. Ocorre então um acidente. E para sempre suas vidas estarão ligadas — a ponto de uma precisar ser a voz da outra. Numa trama conduzida com maestria e com uma prosa melodiosa, o romance conta uma história de vida e morte, de combate e redenção.

[Compre agora e leia](#)



Os ratos

Machado, Dyonelio

9786556923673

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em 28 capítulos curtos, escritos numa prosa descarnada, acompanhamos a perambulação do pobre homem por uma então provinciana Porto Alegre. De bonde ou a pé, Naziazeno atravessa ruas mergulhado em um estado de angústia existencial. Uma série de desencontros e rejeições reforça o cenário de vulnerabilidades, tanto sociais quanto psicológicas, que servem de motor para o romance. Publicado em 1935, *Os ratos* só foi instigar a crítica algumas décadas depois.

[Compre agora e leia](#)